



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais**



**Dissertação**

**Atrás da porta:**  
**Narrativas Visuais Íntimas**

**Jéssica Batista**

Pelotas, 2016

Universidade Federal de Pelotas  
Centro de Artes  
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais  
Mestrado em Artes  
Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano



ATRÁS DA PORTA:  
NARRATIVAS VISUAIS ÍNTIMAS

Jéssica Batista  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alice Jean Monsell

Pelotas, 2016.

Jéssica Batista

Atrás da porta:  
Narrativas visuais íntimas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alice Jean Monsell, como requisito parcial e final à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais, ênfase em Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano.

Pelotas, 2016.

A banca examinadora, reunida para avaliação no dia 11 de março de 2016, foi constituída pelos seguintes professores:

ProfªDrª Alice Jean Monsell  
(PPGAV/CA/UFPel/Orientadora)

ProfªDrª Renata de Azevedo Requião  
(PPGAV/CA/UFPel)

ProfªDrª Cynthia Farina(MPET/IFSul-  
Pelotas)

*Uso a palavra para  
compor meus silêncios.*

Manoel de Barros,  
O apanhador de desperdícios

### *Agradecimentos:*

A CAPES por viabilizar este trabalho.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alice Jean Monsell pela paciência e dedicação na orientação.

A banca examinadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cynthia Farina e Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Requião, com os olhares atentos e dedicados á leitura do trabalho.

A artista, amiga e parceira Adriani Araújo por todas as conversas e ajuda nas agradáveis tardes que me recebeu em seu ateliê.

A minha família por todo o apoio.

Ao meu amor, Rubem, motivo de minha inspiração na sua ausência e agora, mais ainda, na sua presença.

## *Resumo:*

A partir do interesse em investigar os objetos cotidianos, mais especificamente os de ordem afetiva, que habitam os espaços de intimidade da casa, este volume abarca um olhar sobre minha produção, onde crio uma narrativa visual que se debruça sobre a relação que tenho com os objetos. Pois, estes despertam momentos de refletir sobre a ausência de um outro alguém, assim como se espelham no meu processo de criar imagens, fotográficas e vídeos, ou um objeto de sabonete percorrido por um fio que soletra palavras - obras indicativas da presença do meu corpo ou ausências do corpo. Para construir o texto, crio uma narrativa verbal para falar sobre cada trabalho, relembrando acontecimentos cotidianos e os procedimentos envolvidos no processo de criação. Os trabalhos que se mesclam com a vida, inicialmente, levantam questões relacionadas ao texto *O esgotado* de Gilles Deleuze, sobre a obra de Samuel Beckett, e também outras questões, como: os espaços de intimidade, a ausência, o corpo esgotado e os objetos pessoais do meu entorno cotidiano; as quais são abordadas em artistas e autores: Louise Bourgeois, Sophie Calle, Leonilson, Michelangelo, Gaston Bachelard, Jean Baudrillard, Deleuze, Zigmunt Bauman, Beckett, Clarice Lispector, Anne Vincent-Buffault e Ludmila Brandão. Ao longo do texto, a narrativa pessoal reforça o caminho que escolho ao falar do cotidiano, da ausência e da impossibilidade afetiva que esse dia-a-dia me traz. Os trabalhos poéticos emergem do desejo de potencializar um diálogo íntimo com um outro alguém que nunca responde, reflexo da tentativa de visualizar uma narrativa que nunca esgota a vontade deste possível.

**Palavras-chave:** íntimo, corpo, narrativa, objeto

## *Resumen:*

Desde el interés en la investigación de los objetos cotidianos, más concretamente, la afectiva, que habitan en los espacios íntimos de origen, este volumen incluye un vistazo a mi producción, que crean una narrativa visual que se centra en la relación que tengo con objetos. Para estos momentos despertar a reflexionar sobre la ausencia de otra persona, y miran hacia arriba en mi proceso de creación de imágenes, fotografías y videos, o un objeto de jabón cubierto por un hilo de las palabras de ortografía - indicativa de la presencia de obras de mi cuerpo o ausencia del cuerpo. Para construir el texto, crear una narrativa verbal para hablar de cada obra, para recordar eventos y procedimientos cotidianos que participan en el proceso de creación. Las obras que se funden con la vida inicialmente plantean cuestiones relacionadas con el texto de agotamiento de Gilles Deleuze en la obra de Samuel Beckett, y también a otros problemas tales como: los espacios íntimos, la ausencia, el cuerpo agotado y objetos mi entorno cotidiano personales; los cuales están cubiertos en los artistas y autores: Louise Bourgeois, Sophie Calle, Leonilson, Michelangelo, Gaston Bachelard, Jean Baudrillard, Deleuze, Zygmunt Bauman, Beckett, Clarice Lispector, Anne Vincent-Buffault y Ludmila Brandão. A lo largo del texto, la narración personal refuerza el camino elijo hablar de la vida cotidiana, y la ausencia de imposibilidad emocional que día a día-me lleva. Las obras poéticas surgen del deseo de mejorar un diálogo íntimo con otra persona que no responde, lo que refleja el intento de visualizar una narrativa que nunca se agota la voluntad de que esto sea posible.

**Palabras-clave:** cierre, cuerpo, narrativa, objeto



## *Lista de Figuras:*

Figura 1 - Leonilson. <i>Voilà moncouer</i> . Bordado e cristais s/feltro. 22x30cm. 1989. (frente e vers.....	14
Figura 2 – Louise Bourgeois. <i>A visão do fundo do poço</i> . Águá-forte, 1996.....	15
Figura 3 – Jéssica Batista. <i>Sobre a presença da tua ausência</i> . Fotografia. 70cmx40cm. 2014.....	26
Figura 4 – Michelangelo. Detalhe <i>O martírio de São Bartolomeu (Juízo Final)</i> . Capela Sistina, 1535-1541....	29
Figura 5 – Jéssica Batista. <i>Percorro-te</i> . Sabonete de glicerina bordado com linha e saboneteira. 10cmx12cmx5cm. 2014.....	36
Figura 6 – Detalhe <i>Percorro-te</i> .....	36
Figura 7 – Processo de construção do bordado.....	40
Figura 8 – Louise Bourgeois. <i>Femme Maison</i> . Tinta s/papel. 1947.....	43
Figura 9 - Jéssica Batista. <i>Seque suas lágrimas em meu corpo</i> . Tecido voile, porta-toalhas de acrílico. 1,60cmx100cmx40cm, 2014.....	44
Figura 10 - Detalhe porta-toalhas.....	47
Figura 11 – Jéssica Batista. <i>Escrita das lágrimas</i> , vídeo. 3'16". 2015.....	51

Figura 12- Jéssica Batista. Série: <i>Em minha subsistência, meu corpo te encontra</i> . Fotoperformance. 30cmx40cm (cada), 2014.....	57
Figura 13 – Sophie Calle. <i>Cuide de Você</i> . Instalação MAM Rio de Janeiro, 2009.....	60

## *Sumário:*

Agradecimentos.....	6
Resumo.....	7
Resumen.....	8
Lista de Figuras.....	9
Introdução: Sobre o íntimo universo que me leva a você.....	12
Narrativas Visuais Íntimas: Sobre as coisas que me afetam.....	20
O fim do começo .....	61
Referências.....	63

## *Introdução:*

### *Sobre o íntimo universo que me leva a você*

Os objetos sempre me instigaram. Mais ainda as possibilidades de ações a partir deles, onde acabamos por criar relações com certos objetos de ordem afetiva. Sem restrições, eles podem ser qualquer um. O sapato velho, um banquinho, uma colcha, um urso de pelúcia, uma cadeira. Criamos laços com objetos, quase como criamos com as pessoas. A afetividade toma o lugar da funcionalidade, não de tirar o funcionamento dos objetos, mas sim de tornar mais importante o que sentimos diante deles do que, para o que eles servem.

Os objetos pressupõem ações nos espaços da casa ativando relações, seja entre eles mesmos, ou seja, entre as pessoas. A partir do meu olhar, das minhas experiências sobre os objetos, das minhas relações com as coisas e com as pessoas, investigo e aponto situações que me movem a pensar a arte a partir do cotidiano. O meu cotidiano.

Principalmente os objetos que habitam o espaço da casa e fazem parte do dia a dia é que me são vistos com afeto. Quase todos. Convivem diariamente comigo, possuem uma presença da qual a casa não seria a mesma sem esse ou aquele objeto. São objetos que mantemos uma relação diária de uso, mas que alguns também oferecem lembranças e afetos. Carregam memórias pelo uso em uma determinada situação, porque ganhamos de alguém, ou pelo simples fato de criarmos laços com eles. Esses objetos se tornam parte de um possível mundo íntimo e afetivo.

O íntimo percebo como algo duo que pode ser uma experiência com pessoas ou a experiência que travamos dentro de nós mesmos. Para essa reflexão evidencio que não se trata de qualquer mundo, mas das particularidades do meu mundo, de tudo aquilo que me cerca.

Diante de todas essas coisas que me instigam, a minha pesquisa se dá a partir destas relações que se estabelecem tanto com os objetos e espaços da casa como com pessoas e comigo mesma. Mais especificamente, uma atmosfera que dialoga com as questões do íntimo e do afeto, como o quarto e o banheiro. Já dizia Gaston Bachelard (1993, p.64), "... assim que encaramos a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e

defender a intimidade”, penso que me deixa livre de julgamentos, onde tenho a liberdade de estar, é o meu íntimo.

Com minha poética, tento criar um diálogo com todas essas coisas, com base em experiências da minha vida, dos afetos, de todas as coisas que me contaminam. Não pretendo descrever ou relatar minhas experiências pessoais, mas a partir delas criar uma narrativa tanto visual quanto textual, em que essas experiências criam uma tônica de forma poética e afetiva, onde os trabalhos vão se mesclando com a vida, que perpassam o texto e a escrita. Só assim é possível pensar o trabalho como uma coisa só, que se completa criando ainda um diálogo com autores, artistas e seus conceitos.

A arte é o que eu vivo agora, é o meu cotidiano, são minhas frustrações, meus sentimentos, a minha vivência, as minhas experiências. Não poderia falar de outras coisas se não as que eu vivo e sinto. Apesar da importância que a minha arte e as minhas palavras têm, a arte de outros, e as palavras de outros me ajudam a entender o que faço, o que pesquiso e o que escrevo. Falar de si, do cotidiano, de sentimentos e angústias, e principalmente do lugar do íntimo não é novo. Em diferentes épocas, de diferentes maneiras, artistas como José Leonilson e Louise Bourgeois e escritores como Gaston Bachelard e Samuel Beckett, entre outros que tratarei, também criaram obras e textos a partir de situações, memórias, cotidiano, angústias, relações, sentimentos, afetos, amor.

O artista Leonilson indiscutivelmente sentia a arte dessa forma. A partir de sua vida, dos fatos e experiências que o acompanhavam, produzia trabalhos que refletiam todo o seu mundo de afetos, usando objetos de seu dia a dia e acontecimentos cotidianos. Me sensibiliza e me faz aproximar de sua poética por questões que percebo muito próximas ao que pretendo tratar, quando penso no íntimo, penso que pode ser uma forma de me expor ao público o que já foi tratado por Adriano Pedrosa no prefácio do livro: *Leonilson - São tantas as verdades*, em que aborda sobre expor o coração ao público, na obra *Voilàmoncoeur*(Fig.1):

*Voilàmoncoeur* foi exposto na Galeria Luisa Strina, em São Paulo, numa individual do Leonilson em 1989. Após ver o trabalho, conversamos justamente sobre esse ato de se expor ao público, dilema que parece perseguir o artista de espírito romântico. (...) Entretanto expor o coração é ato doloroso, sobretudo em tempos de cinismo e ceticismo, trazendo consigo e com frequência ambiguidade e contradição. Na arte, então, a mercantilização desse coração não se dá livre de problemáticos

desdobramentos.(...) No outono de 1989, *Voilà mon coeur* havia sido vendido. (...) Como suportar o artista, aquele que expõe seu íntimo, tal mercantilização? “É seu coração que está lá na parede”, disse ao Leo um tanto impiedosa e ingenuamente, “você o pôs à venda”. Não tinha eu na época consciência de que na realidade todos seus trabalhos, quando não metáforas de seu coração, são metonímias de seu próprio corpo.(...) Talvez mais do que o corpo, o coração seja o motivo dominante e recorrente na obra. O coração como órgão muscular, bombeador de sangue através de veias e artérias, centro vital das emoções e sensibilidade do sujeito, repositório de seus sentimentos mais sinceros, profundos e íntimos, e, em instância última, o local onde a desrazão e todas suas ambiguidades encontram conforto e refúgio.(1998, p.20.21)



Figura 1. Leonilson.  
*Voilà mon coeur*, 1989. (frente e verso)

Embora minha direção seja o campo das relações muito mais que o coração tratado por este artista, as duas situações estão amarradas na condição deste estado íntimo, agora externado e que para mim está muito mais próximo a uma sensação de angústia e ausência que conforto e presença propriamente ditos. Momento em que também busco aproximar destas reflexões a artista Louise Bourgeois que nos apresenta o seu mundo de angústias, a partir de uma produção autobiográfica quando desvela a intimidade de sua relação paterna e sobretudo, na escrita de seus diários em que retrata o seu cotidiano e emoções.

Retomando a questão da angústia, o trabalho da artista *A visão do fundo do poço* (Fig.2) retrata a imagem de uma mulher que vai se esvaindo pelo ralo, que acompanha um texto, onde cria uma situação de medo e fuga relacionada ao seu pai. Para mim essa situação de angústia diante do seu cotidiano relaciona-se com a questão que trato diante da ausência de alguém que trago no imaginário de minha narrativa.

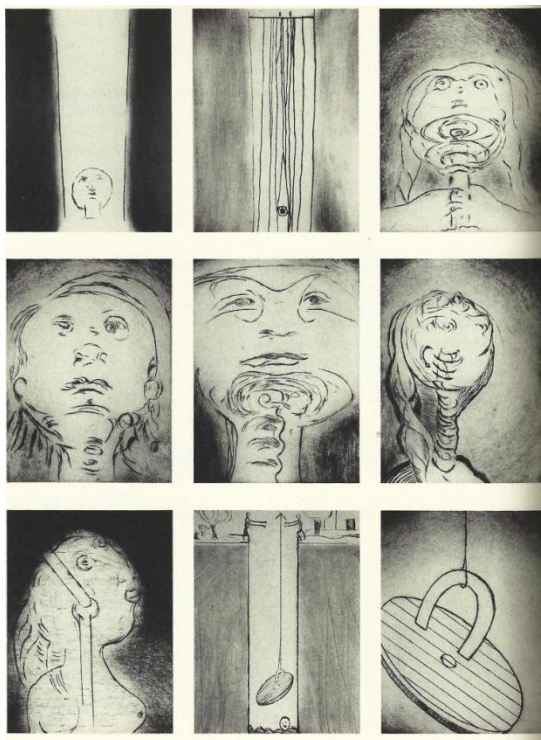


Figura 2. Louise Bourgeois.  
*A visão do fundo do poço*, 1996.

Em meus trabalhos trago essa atmosfera por alguns objetos pessoais que me acompanham há muito tempo e que me suscitam lembranças de coisas, pessoas e fatos, com uma colcha de infância que por estar gasta, traz marcas e histórias.

Outros objetos não são pessoais, mas me ajudam a pensar esses espaços de intimidade, a partir de ações, palavras e situações em que vivemos junto deles. Uma saboneteira e um sabonete, um espelho embaçado, momentos de confinamento no banheiro, onde por muitas vezes nos refugiamos.

Em alguns trabalhos fotográficos, o meu corpo se coloca em relação aos objetos. Um lugar de pensar. Pensar os laços que temos com as coisas e com as pessoas.

Mais do que espaços físicos de intimidade, proponho refletir e tecer o que é presente dentro de mim, expressado a partir de uma percepção de um corpo-palavra, que é a possibilidade de dar a ver um corpo ou corpos, pela narrativa impregnada de visualidades.

Explico, portanto que venho de uma formação anterior, em que a tridimensionalidade esteve muito presente e que agora de certa forma ainda está contida no processo fotográfico que é um recurso visual que me possibilita

apresentar alguns trabalhos que são dispostos em uma espacialidade. Só desta maneira consigo compreendê-los depois de fotografados devido às condições que se criam no processo de realização das mesmas, visto que, me cerco de um ambiente efêmero, onde pontuo: o vapor que se dissipa, a postura impossível de ser repetida quando disponho tecidos em um espaço ou expresso meu corpo.

Na narrativa que se inicia no próximo capítulo, crio um texto onde falo dos trabalhos e narro acontecimentos que me fizeram chegar até eles, a sua origem, o seu processo tanto intelectual quanto prático, mesclando a minha vida, os trabalhos, a escrita, e o que me levou a fazer cada um deles.

A palavra é muito importante em meu trabalho, seja inserida nos próprios trabalhos, nos títulos, ou pela narrativa que escolhi fazer, elas reforçam esse entrelaçamento entre a arte, a minha vida e esse contato (ou a falta dele) com um outro alguém que me motiva e inspira a criar, escrever e pesquisar a partir das questões que permeiam o trabalho: a ausência, a solidão, o vazio afetivo, um esgotamento afetivo.

Penso o esgotamento a partir da impossibilidade do diálogo com esse outro que não responde. Esse conceito esgotado/esgotamento surge para mim a partir do texto de Deleuze, *L'épuisé* (O esgotado), onde ele fala sobre o esgotado como algo que não pode mais realizar, portanto, algo que acaba com o possível, com todas as possibilidades. Ele analisa algumas obras de Samuel Beckett e a partir delas, define quatro maneiras de esgotar o possível.

Através do texto de Deleuze, cheguei à trilogia de Beckett, *Molloy*, *Malone Morre* e *O inominável* que me instigou a pensar esta narrativa, que por momentos extensos partem de um monólogo onde o texto cria indecisões sobre a relação das personagens consigo, do que são, das incertezas sobre seus corpos, e há sempre uma busca por algo, onde todas as coisas que os rodeiam: objetos, vozes, pessoas, trazem lembranças e mais incertezas.

Não estarei só, os primeiros tempos. Eu o estou, sem dúvida. Diz-se depressa. É preciso dizê-lo depressa. E como saber, numa escuridão dessas? Vou ter companhia. Para começar. Alguns fantoches. Eu os suprimirei depois. Se puder. E os objetos, qual deve ser a atitude para com os objetos? Em primeiro lugar, será necessária? Que pergunta. Mas eu não me escondo que eles são previsíveis. O melhor é nada decidir sobre isso, antes. Se um objeto surgir, por qualquer razão, leva-lo em conta. Onde há gente, com se diz, há coisas. Quer isso dizer que, admitindo as primeiras, é necessário admitir as segundas? É o que resta



saber. O que é preciso evitar, não sei porque, é o espírito do sistema. Pessoas com coisas, pessoas sem coisas, coisas sem pessoas, pouco importa, eu espero poder varrer tudo isso em pouco tempo. Não vejo como. O mais simples seria não começar. Mas sou obrigado a começar. Quer dizer que sou obrigado a continuar. Acabarei talvez por estar muito cercado, numa confusão. Idas e vindas incessantes, atmosfera de bazar. Estou tranquilo, vamos.(BECKETT, 1989, p.6)

Beckett nos apresenta personagens ensimesmados, que a partir das relações com coisas e pessoas, buscam um sentido para sua existência ou quem sabe, sua inexistência. Essas relações que discuto em meu trabalho se dão mais a partir de conexões com um outro e da impossibilidade das relações, mas que por vezes também se coloca em dúvida do existir sem o outro.

Acho importante pensar sobre as relações atualmente, que cada vez mais se tornam superficiais e efêmeras. Com a facilidade da comunicação onde quase qualquer pessoa é alcançada por um clique. Onde muitas vezes não se tem pudor ou cuidado com o outro por não estar cara a cara. Por um lado, a virtualidade nos facilita a ter acessos que antes não tínhamos, por outro em vez de nos ligar a outras pessoas, nos fazem criar laços invisíveis, laços superficiais, por muitas vezes tornando os relacionamentos e o contato humano cada vez mais raros. Esses *laços líquidos* se desmancham facilmente, também com um clique, como trata Zygmunt Bauman no livro *Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*.

O principal herói deste livro é o relacionamento humano. Seus personagens centrais são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por “relacionar-se” e, no entanto desconfiados da condição de “estar ligado” em particular de estar ligado “permanentemente” para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para — sim, seu palpite está certo — relacionar-se...(2004, p.6)

Há esse medo de relacionar-se, e de expor sentimentos, de se sentir preso a alguém, ou á julgamentos. Interessa-me pensar esse lugar das relações e de como esse corpo estabelece a percepção do que somos.

Pensando todas as relações que me instigam a partir do corpo-palavra, acredito que refletir através de uma narrativa textual seja uma saída para trazer as questões que me interessam em arte e que o meu íntimo, minha produção e meu texto possam dar conta do que proponho e que gere uma reflexão como pesquisa em arte.

É a atmosfera de fazer com que as palavras não fossem apenas uma descrição de conceitos, técnicas, processos, mas que sejam ainda tão sensíveis como as imagens e os objetos da produção plástica. Precisava que o texto e a obra se complementassem e não tentassem explicar o que faço, mas refletisse o que faço, o que sinto, o que externo.

Andréia Vieira Zanella, no livro *Inquietações metodológicas: Perguntar, registrar, escrever*, problematiza o pesquisar como processo de criação. Uma obra que reinventa a vida em vez de apenas explica-la. O pesquisar como condição inventiva.

Pesquisadores que, de certa forma, analisam o seu próprio pesquisar e as escolhas metodológicas que fazem, contribuindo significativamente com uma perspectiva epistemológica que reconhece a pesquisa como invenção em vez de prescrição.

(...) problematizar o pesquisar como processo de criação e a pesquisa realizada como objetivação de uma atividade criadora que se apresenta como obra a ser lida, degustada, devorada, deglutida. Obra que reinventa a própria vida, em vez de somente explica-la ou compreendê-la. Testemunho de um fazer ciência para o qual não há alibi: não se apresenta o discurso do método singular como seu fundamento, mas as escolhas éticas e estéticas do pesquisador que se reinventa, bem como à realidade investigada no próprio processo de pesquisar. (2013, p.21)

Acredito que é necessária essa reinvenção do modo de pesquisar e apresentar, como modo de harmonizar produção prática e intelectual. Como fala Zanella, a pesquisa em arte não pode ser uma prescrição, mas sim uma nova invenção. Na narrativa que escrevo vão aparecendo os trabalhos, a poética, os conceitos, o que me instiga, como penso a arte, como penso sobre o íntimo, sobre o corpo. São inseridos nessa narrativa a descrição dos dias com seus acontecimentos, bem como, os trabalhos, técnicas e materiais. A ideia é que o texto possa propor sensações a quem ler.

Sem mais estender esta nota introdutória, faço agora um convite ao leitor, para que entre e experencie este espaço de dentro, esta intimidade que atravessa paredes, abre suas portas.

Adentre.

## *Narrativas Visuais Íntimas: Sobre as coisas que me afetam*

*“...pois um dia talvez seja preciso refazer  
seus passos, nunca se sabe.”*

*Samuel Beckett*

São duas da manhã. Me pego pensando o quão difícil é falar das coisas que me afetam. Escolher um conjunto de palavras que consigam expressar esses afetos, tão imateriais, me confunde. Acredito que palavras e imagens quase que os materializam. É o que aqui tento fazer, mesmo sabendo que exteriorizar sentimentos é se por em risco constante de aceitação de outros. Mas o que importa? A vida por si só já é um risco.

Sentada aqui, em meio a bagunça dos livros, entre o cheiro dos novos e dos guardados, em frente ao computador, ao digitar cada palavra, me sinto vulnerável por todos os dias que se revivem hoje em mim. Por todos os dias que eu trouxe de volta pelas lembranças quando escolho aqui, falar sobre mim, sobre alguém, sobre a minha arte, sobre a minha vida.

Resgatar esses sentimentos por um alguém em minha produção me deixou assim, frágil e confusa, e, ao escrever sobre isso, revive em mim os afetos, o alguém, o passado, e também me faz viver em uma grande incerteza sobre tudo o que está por vir, na vida, na arte. Reescrevo aqui algumas palavras de Clarice Lispector que refletem um pouco sobre minha confusão no dia de hoje, “Sou um ser concomitante: reúno em mim o tempo passado, o presente e o futuro, o tempo que lateja no tique-taque dos relógios.”<sup>1</sup> No meio desse tempo que se mistura, estou eu, está o meu corpo que lateja com o relógio de Lispector em busca de algo, no meio da confusão que criei em minha mente ao trazer o passado para o presente, e a querer, sem calma, trazer o futuro para o presente.

Observo minhas mãos ao digitar, movimentos rápidos acompanhando meus pensamentos, que, a todo o momento me trazem as lembranças desse alguém. Meu corpo aqui sentado se comporta cada dia mais diferente com as

---

<sup>1</sup> Clarice Lispector. Água Viva. Pg.:13

coisas ao entorno, intermediário entre eu e o mundo, reflete também essas lembranças onde esse alguém é lembrado até nas simples ações do cotidiano, e assim trazidas para minha produção. Meu corpo é o ponto de partida para exteriorizar esses afetos pela arte.

O meu corpo, se fazendo presente fisicamente ou subjetivamente nos trabalhos, a partir de ações realizadas sobre os objetos, tenta revelar minhas inquietações geradas pelas lembranças desse alguém. O costurar, o andar, o escrever, o olhar pelo espelho, o corpo e os objetos querem algo dizer e fazer sentir.

Achei por muitas vezes que o cansaço se fazia presente, que apenas estava cansada das lembranças tão presentes, dos sentimentos revividos, mas ia além do simples fato de estar cansada... toda essa situação que eu mesma me coloquei, na vida e na arte, fez perceber-me esgotada. Era preciso lidar com todos esses afetos, e o jeito foi externar isso pela arte, e ainda, aqui e agora, por essa escrita tão próxima de mim.

Quando digo esgotada, é porque encontro nas palavras de Gilles Deleuze, no texto *L'épuisé* (O esgotado), algumas passagens que me ajudam a refletir sobre o momento em que me encontro, pessoal e artístico, de como as lembranças e o meu corpo se comportam com o entorno, como o meu corpo presente nas imagens fotográficas ou por vídeo, ou ainda a indicação do corpo por ações quando ele não está presente. Deleuze discute o esgotamento do possível no ensaio dedicado à Samuel Beckett, onde a partir das obras do mesmo define quatro maneiras de esgotar o possível (formação de séries exaustivas das coisas, estancar os fluxos de voz – silêncio –, extenuar as potencialidades das imagens e dissipar a potência da imagem). Logo no início diferencia a idéia de cansado e esgotado, onde o cansado estaria ligado a ideia de possível, de algo a ser realizado, e o esgotado a não realização do possível por ter esgotado todas as possibilidades.

*L'épuisé* traz uma discussão complexa sobre o esgotamento de suas mais variadas maneiras, resalto que identifico nas palavras de Deleuze algumas pequenas ideias que trago para a discussão em meu trabalho, usando o termo *esgotado* como algo sem mais possibilidades, onde tudo já foi feito e nada mais pode se fazer, “O cansado não pode mais realizar, mas o esgotado não pode

mais possibilitar”<sup>2</sup>... essa impossibilidade que me acompanha, de nada mais poder oferecer, de nada mais poder fazer, essa impossibilidade afetiva. Não apenas estar cansada de tudo que passou, é estar esgotada por tentar de todas as formas, por exaurir toda é qualquer possibilidade, dos beijos, dos abraços, do corpo, do olhar, e quase dos afetos, se não fosse eles, aqui, tão presentes, hoje, na minha vida, na minha arte, na minha escrita.

A colcha de infância achada no fundo do armário que traz a lembrança dos corpos, de um corpo esgotado, da pele pesada das lembranças sobre mim, que aqui, com a arte, tento me libertar. O sabonete no fundo do banheiro, que exala seu cheiro pelos cômodos da casa, feito para percorrer o corpo, trazendo o percorrer dos corpo, o meu, o de alguém. O tecido que deságua até o chão, o corpo que se faz de toalha, que acolhe, que seca, que conforta. O espelho embaçado onde me vejo da mesma forma que me sinto: confusa, embaralhada, sem brilho. O barulho do chuveiro, o vapor quente do banheiro em meu corpo, o movimento da mão no espelho, em um momento tão inocente de escrever no espelho embaçado, mas palavras tão profundas e instigadas.

Os pensamentos imersos nas minhas últimas palavras não me deixaram perceber as horas passar. Já quase amanhece. A desilusão com esse alguém pelo menos serviu de algo além de me tirar o sono. A arte, que está impregnada em mim, alguém que surge de minhas entranhas, que percorre meus espaços de intimidade, que habita o meu corpo e tudo que me cerca, e tudo o que faço. Não sei mais se esse alguém existe ou existiu realmente, ou apenas mentalmente. Já não sei mais se eu existo, sem alguém.

Eu me tornei parte de alguém, e esse alguém quase toda parte de mim.

São seis da manhã. Me pego pensando o quão é difícil falar das coisas que me afetam.

É melhor adormecer.

A dor, me ser.

---

<sup>2</sup>DELEUZE, Gilles. Sobre o teatro: Um manifesto de menos; O Esgotado. Tradução: Fátima Saadi, Ovídeo de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

Ao acordar muitas coisas começaram a fazer sentido sobre o que busco aqui. Antes mesmo de levantar da cama, a imagem dos trabalhos formavam uma grande teia de histórias em minha cabeça. Um por um me traziam lembranças de pessoas e lugares, os trabalhos se tornaram uma parte de mim que habitava fora do meu corpo para aos outros, algo dizer.

As histórias que os objetos me contavam eram narrativas de pequenos acontecimentos da minha vida, agora, aqui, modificados pela arte. Era uma impregnação de mim e dos meus afetos nas coisas e das coisas e pessoas que me rodeiam em mim. A ideia nunca foi contar ou expor a minha vida pelos trabalhos, mas a partir de acontecimentos e afetos que me dominam, imprimir a minha marca na arte, como arte, mostrando em minha produção, através da minha relação com os objetos, seja o próprio objeto apresentado, uma fotografia ou um vídeo, uma narrativa visual e textual que dê conta de mostrar as coisas que proponho. Uso aqui as palavras de Walter Benjamin, no texto *O narrador*, onde afetuosamente ele fala da narrativa como algo preso ao narrador, que faz parte da vida do narrador e que ali fica a sua marca como meio de comunicação:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele, Assim imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, p.205)

Imprimo um pouco de mim nas coisas quando tirando-as de seus lugares comuns, dou um novo significado a partir de mim mesma, projeto um alguém nas coisas, me comunico com elas, e me refaço nelas, me liberto quando encontro nas coisas uma maneira sutil de expor meus afetos mais íntimos.

Eis que então, adentro no mais íntimo do meu ser, onde se encontram meus sentimentos, as minhas angústias, os meus *eus*, os meus seus, os elos. Que lugar é esse? O que habita esse lugar? Onde me encontro? Onde se encontra alguém?

Esse lugar interior, dentro do meu corpo, dos meus pensamentos, de onde vem todas as minhas questões relacionadas a vida e a arte, minhas indagações sobre a presença desse alguém, minhas escolhas de processos de criação, da projeção desse interior nos objetos do exterior para poder comunicar essas coisas internas que sinto e que penso, transformar em arte, em algo que o outro possa ser afetado ou não, mas que possa ser ao menos percebido no exterior.

Para mim, como produtora de sentido na arte, usando esses lugares, interior-exterior como parte do processo de criação, eles se mesclam o tempo todo, um necessita do outro para criar compreensão das coisas que pretendo, dos afetos que perpassa de mim (do meu interior), para os objetos (do meu exterior). Bachelard no capítulo intitulado *A dialética do exterior e do interior*, no livro *A poética do espaço*, diz: "Tanto o interior como o exterior podem ser íntimos, estão sempre prontos a inverter-se, a trocar suas hostilidades." (BACHELARD, 1993, p.339). O interior, dentro de algo. O exterior, fora de algo. O que está ao meu exterior, meus objetos, minha casa, as pessoas, também me são íntimos, assim como, ao exteriorizar os afetos de dentro de mim em forma de arte a partir das coisas que me cercam, interior-exterior se mesclam, se tornam uma coisa só, por ora se invertem, o que estava dentro de mim se exteriorizou e o que estava fora de interiorizou quando me deixo afetar por esse fora, quando uso esses objetos que me afetam para algo dizer.

Quero exteriorizar o que está dentro de meu corpo através de um processo criativo, porque o tempo que gasto em lembrar e esperar e pensar nas coisas que me afetam não parece se esgotar... mas acaba por me esgotar.

Depois de todos esses pensamentos, decidi que ao montar os trabalhos no seu conjunto, todas essas coisas ficariam mais claras, precisava reviver essas histórias que eles me contavam, reviver como cheguei em cada um deles, reviver esse alguém. Levantei rapidamente, os pés descalços ao tocar o chão gelado, me fez procurar os chinelos gastos por debaixo da cama. Caminhei em passos lentos até a sala, olhei que entre os sofás tinha um bom espaço onde eu poderia montar meus trabalhos, arredei alguns outros móveis e entre as coisas comecei a dispor os trabalhos. Nesse momento, precisava visualizá-los lado a lado, no conjunto da



minha poética, precisava perceber com atenção o que eles tinham á me dizer e qual era o fio que os interligava entre eles, entre o entorno e entre mim.

Peguei alguns pregos e fitas e comecei a montagem. Cada bater do martelo, batia também as lembranças desse alguém, na cabeça e no coração. Já se passava da uma da tarde quando acabei. Fui até a cozinha, fiz uma xícara de café que perfumava o ambiente e voltei até a sala onde me sentei no chão á observá-los. Meus olhos lentamente percorriam os trabalhos, cada um deles me contava uma história, ou mais do que isso, me faziam reviver momentos a partir de cada cena que me era narrada por eles, lembrando mais do que momentos, mas todo o processo de inspiração (prática e intelectual), de criação de cada trabalho.

Era preciso ver com um olhar de fora (do exterior) cada um deles, e depois se deixar afetar pelas histórias escondidas (do interior), impregnadas na essência e no fazer de cada trabalho. Com os olhos selecionei o primeiro trabalho que ia me contar sua história: a velha colcha de infância, o início de tudo...

Mas, o que via na minha frente era uma fotografia impressa em sarja. No centro, o índice de um corpo sugerido pela presença do objeto: uma colcha cor de rosa, que na posição que foi colocada remete á um corpo sentado. Chama-se *Sobre a presença da tua ausência*(Fig.3).



Figura 3. Jéssica Batista.  
*Sobre a presença da tua ausência*, 2014.

Na fotografia há uma “presença/ausência” desse corpo. A figura de um corpo é indicada através de um espaço vazio, ou melhor, esvaziado, como uma pele. Pode ser visto como um tipo de ausência do corpo. Parece que alguém havia sentado na cadeira e não está mais lá ou o que sobrou do corpo esgotado, a pele desossada. Estes índices indicam não somente um corpo ausente, mas uma série de relações entre um corpo que estava presente e certas sensações que é proposto pela foto. A partir da fotografia da colcha sentia que era essa a forma que melhor me fazia mostrar neste trabalho as questões que trato, essa figura de um corpo, essa ausência/presença. Durante o processo de criação, não havia pleno entendimento disso, conforme a colcha tomava corpo, foram ficando mais evidentes que era na foto que tudo que queria já estava ali para ser discutido. Queria mostrar estes dois extremos, a presença e a ausência que, neste trabalho apresentam através do índice da presença de um corpo, e ausência desse mesmo corpo, assim como a ausência daquilo que está sendo representado pela fotografia, a fotografia é ausência.

Ainda, o próprio formato que a colcha ganhou, quase acidentalmente, a forma de um corpo com uma cabeça mole que se pendura. O afeto, talvez, seja sentido pelo calor do tecido que podemos sentir através da cor e sua maciez que estão visíveis na fotografia. Estes índices indicam não somente um corpo ausente, mas uma série de relações entre o corpo e certas sensações que a foto possa passar. Para mim, este corpo indica uma ausência, que me lembra a presença de um corpo, o outro alguém, que não está mais aqui fisicamente, mas está presente pelos afetos. Mas, dentro da fotografia, a figura do corpo-colcha ganha novo sentido. Dentro da fotografia, a figura ganha outro estatuto, enquanto obra de arte que se relaciona com um observador e este pode perceber através da imagem sensível – sensações de afeto, ausência de um corpo que estava aqui no passado e agora não está mais e que se torna “pele”, esgotado.

Todas as suas dobras, dobradas em mim mesmo, nas dobras da minha memória onde guardo tantas lembranças do corpo do outro, junto do meu. E que agora virou essa ausência, esse corpo esgotado que já é somente pele, quase livre de todo o exterior.

Trago as reflexões sobre O esgotado aqui. Minha intenção de tornar algo visível nesta foto está ligada ao texto de Deleuze, esse corpo esgotado como eu, como em Deleuze, como nos personagens de Beckett: sem mais possibilidades,

(...)o esgotamento não se deita e, quando chega a noite, continua sentado à mesa, cabeça esvaziada em mãos prisioneiras, “cabeça inclinada em mãos atrofiadas”, “sentado uma noite à mesa com a cabeça nas mãos...levantava sua cabeça desfalecida para ver suas desfalecidas mãos”, (...)“as duas mãos e a cabeça formam um pequeno monte”. (DELEUZE, p.74)

Os personagens de Beckett parecem sempre estar desmoronando, fisicamente e psicologicamente. Vejo essa qualidade na imagem presente na fotografia, e por ora também no meu processo de criação intelectual. Esse desmoronamento pelos afetos.

Trago outra breve auto-descrição do personagem de Beckett, Molloy, onde ele se encontra em um processo de esgotamento, solitário, está supostamente á caminho do quarto de sua mãe, passa por pessoas, coisas, animais, e onde posso também perceber algumas qualidades na imagem da minha colcha.

(...)ou mesmo apoiado em um encosto qualquer, afundar de uma vez, como um fantoche quando soltam os barbantes, e ficar um bom tempo no chão, literalmente desossado. Sim, isso me parecia menos estranho, pois estava acostumado a esses enfraquecimentos (...) (BECKETT, 2007, p.83)

Esse enfraquecimento do corpo aparece em meu trabalho a partir desse índice de um corpo jogado sobre uma cadeira, como se fosse apenas uma pele, desossado como Molloy. Trago a imagem do apóstolo Bartolomeu escalpelado, pintado por Michelangelo na Capela Sistina no Juízo Final (Fig.4), essa pele que ele segura fazendo referência ao seu martírio, totalmente desossado. Essas qualidades dos corpos esgotados surgem sempre a partir de um esgotamento psicológico também, onde um é gerado pelo outro, trazendo a impossibilidade, “A gente pensa que vai só descansar, para agir melhor depois, ou sem outra intenção, e eis que em muito pouco tempo estamos na impossibilidade de jamais fazer alguma coisa.” (BECKETT, 1989, p. 5).



Figura 4. Michelangelo. Detalhe  
O martírio de São Bartolomeu (*Juízo Final*), 1535-1541.

Aqui, diante dos trabalhos e dos trechos de Beckett, aos poucos encontro palavras para narrar o que são esses trabalhos, mas principalmente, como cheguei até eles. As minhas últimas palavras diante do trabalho *Sobre a presença da tua ausência*, me fizeram voltar ao tempo e lembrar como o trabalho aconteceu poeticamente, como eu cheguei nele, como ele me encontrou. Além de todas as coisas que eu já descrevi acima, o que vou narrar agora, acabando minha xícara de café é como a arte, para mm, vai acontecendo a partir das coisas que me afetam, das coisas que me cercam.

*Voltemos no tempo...*

Em uma sexta-feira qualquer, acordei e coloquei algumas poucas roupas em uma mochila. Viajei até a minha cidade natal como faço de costume em alguns finais de semana. Aqui, nessa pequena cidadezinha as lembranças desse alguém me atormentam ainda mais. É aqui que o meu processo criativo começa, são aqui que se encontram todas as coisas que me afetam, todas as coisas de

dentro e de fora de mim. É aqui a origem da minha vida, da minha pesquisa, no lugar que é meu, no lugar que é eu. A casa de infância, de agora e de sempre. O lugar onde sempre posso voltar, que hora me tranquiliza por me acolher, que ora me perturba pelas lembranças.

Ao chegar abracei meus familiares, meu cachorro fez festa e rapidamente fui para o meu quarto e mesmo fazendo isso inúmeras vezes, por muitos anos, nesse dia ele me foi percebido de forma diferente. Me dei conta que algumas coisas me acompanham há muito tempo, fazem parte de todas as etapas da minha vida até o momento. Percebi quantas coisas habitam esse lugar além de mim. Quase nunca as tinha percebido, pelo menos não assim, tão afetuosamente. No início me senti um pouco assustada. Quantas histórias, quantas pessoas, quantas dores, quantos risos, quantos silêncios. Tudo habitando o meu espaço. Todos presentes ali comigo, sem eu nunca ao menos ter percebido essa forma deles existirem. Não apenas existem, habitam. Possuem presença. São meus pensamentos/sentimentos/dores mais íntimos que se materializam a partir de todas as minhas coisas, e assim também em meus trabalhos, quando a partir da arte escolho falar sobre mim, sobre as minhas coisas e afetos.

Este processo que me vi fazer, de observar a casa da minha infância e meus objetos me fez reviver muitas lembranças, fazendo elas parte do meu processo de criação. Mas, também é um processo onde envolve os afetos, as recordações boas, mas também dolorosas conectadas com as lembranças desse alguém.

Percebo mais, que ao adentrar no cerne de que eu sou existem dois lugares: dentro de mim, fora de mim. No fim são um só, no fim essas coisas todas me habitam, no fim eu habito em todas essas coisas. Esse dentro e fora silencioso. Me fixo no meio disso tudo? Trago uma interessante reflexão de Elida Tessler em um texto sobre o livro *O Inominável* de Samuel Beckett:

Um habitante do silêncio fala.

Fala de dentro, fala de fora...

(...)É ele quem nos diz que há espaços internos externos, vazios e cheios, longe e perto, lá e aqui. Essa é a dualidade da vida dentro/fora de cada um de nós.

(...)“é uma imagem, são palavras, é um corpo, não, sou eu, sabia que não seria eu”.

(...)“terei ouvido isso fora e mim, depois imediatamente em mim, talvez seja isso que sinto, que há um fora e um dentro e eu no meio, talvez seja isso que sou, coisa que divide o mundo em dois, de uma parte o fora, da outra o dentro, isso pode ser fino como uma lâmina, não estou nem de um lado nem de outro, estou no meio, sou a divisória, tenho duas faces e nenhuma espessura, talvez seja isso que eu sinto, me sinto vibrar, sou o tímpano, de um lado é o crânio, do outro o mundo.” (2010, p.81)

Estou dentro disso tudo? Estou fora disso tudo? Começo a achar que estou no meio, e todas essas coisas me afetam, de dentro e de fora. O meu corpo é o meio, existe as coisas de dentro de mim (meus afetos e lembranças), existe as coisas de fora de mim (todos os objetos, pessoas e espaços que geram os afetos, assim como todos os afetos que eu projeto nas coisas, pessoas e espaços).

Fui e sentei na beira da cama, sentia a falta de algo e também de alguém, desse alguém, tão ausente e tão presente. Em poucos segundos, meu olhos, em uma incessante procura, deram falta de algo que há muito tempo não estava mais ali, mas naquele momento sua presença se fazia essencial para começar a entender essa procura por lembranças, pessoas, sentimentos em que busco em minha pesquisa, mas também em minha vida. O que me levou a estas percepções era a minha colcha cor-de-rosa, gasta, que me acompanha, há no mínimo 10 anos que fazia falta.

Encontrei-a no fundo do meu velho armário. Ele e tantos outros objetos, são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, para nós, por nós, uma intimidade. (BACHELARD, p.248)

Algo me dizia que ali, naquele objeto, guardador de coisas e de intimidades, algo importante se guardava, “o espaço interior do armário é um *espaço de intimidade*, um espaço que não se abre à toa”(BACHELARD, p. 248). Abri lentamente as portas que rangiam e mostravam o passar do tempo. Quando peguei minha colcha, ela tinha cheiro de mofo, de guardada, de não-usada. Mas

ao mesmo tempo, ainda tinha o meu cheiro. Eu a reconhecia, ela me trazia lembranças das brincadeiras de bonecas, das confissões de adolescentes para a melhor amiga, do entrelaçar dos corpos apaixonados, das lágrimas que já a molharem, por causa do joelho ralado, da amiga que não veio, ou do amor que já se foi.

Sentei novamente á beira da cama com a colcha nas mãos. Olhei para o armário com um olhar de gratidão por ele abrigar a minha colcha cor-de-rosa, sabia que quem quer que tivesse a guardado ali, tinha feito na certeza que ela estaria segura, afinal “no armário, só um pobre de espírito poderia colocar uma coisa qualquer. Colocar uma coisa qualquer de qualquer maneira, em qualquer móvel, marca uma fraqueza da função de habitar”(BACHELARD, p.248). Apesar de todas as fraquezas que tinha ao estar em minha casa de infância, eu sentia que nela eu habitava de verdade, nela todas as minhas verdadeiras e afetuosas coisas habitavam. A função de habitar funcionava.

Quando comecei a melhor observar a colcha percebi que nela havia uma mancha amarelada. Era a mancha do tempo, a mancha causada pelo meu corpo, após incessantes dias, incessantes noites em que ali me deitei, e me fiz marca e vivi. A marca mancha amarelada do meu corpo, que já foram tantos corpos, de criança, de menina, de mulher. Todos eles se misturavam ali, na mancha que deixaram na colcha. Penso quantas marcas já deixei nas coisas, e nos outros, assim como também quantas marcas coleciono das coisas e dos outros, em mim. Lembrei de algumas passagens de um pequeno e belo livro, *O casaco de Marx*, onde na primeira parte o autor descreve as roupas com objetos que se moldam a nossa forma, à memória e que carregam marcas, assim como a minha colcha onde também acredito que “a mágica da roupa está no fato de que ela recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma”(STALLYBRASS, 2008, p.10). Pois mesmo depois de tanto tempo, ela ainda tinha a minha forma, e todas as formas que eu já tive até hoje, físicas, mas também íntimas, de algo que eu já fui, de algo que eu já senti, de mim, de tantos eus.

Demorei alguns minutos para entender o que ela realmente me sugeria. Coloquei-a sobre a cama, a cama também era a mesma. Fiquei a observá-la durante algum tempo. Ela também me observava. Ela era poesia. Ela era eu. Ela



era o que eu buscava. Ela era esse alguém. Ela era puro afeto. Ela era corpo. Ela era arte.

Senti naquele momento que precisava resgatá-la, trazer de volta essas manchas-lembranças. Não bastaria esticá-la sobre a cama, ela não era mais uma simples colcha. Se tornou um corpo que permaneceu adormecido e recheado de lembranças. Precisava ser vista, e de repente, se tornar algo para os outros também.

O final de semana se acabava e na hora de fazer as malas, quase que não coube as poucas roupas que tinha levado. A minha colcha-cor-de-rosa iria viajar pela primeira vez, sair do seu lugar de conforto, assim como eu fiz há alguns anos atrás. É preciso coragem para habitar outros lugares, é preciso coragem para que a casa da gente, a primeira e única morada até o momento se torne apenas refúgio nos finais de semana para matar a saudade. Acho que ela sentirá saudade. Ela havia se transformado, não era mais apenas colcha, e quando deixar a cidade, se transformará mais ainda. Como eu me transformei em algo que ainda não sei no dia em que aqui deixei de habitar. A vida é transformação, as coisas estão em mudança, as pessoas estão em constante travessia, como diz Fernando Pessoa em um texto, “é tempo de travessia, e seu não ousarmos fazê-la ficaremos sempre a beira de nós mesmos”. E não é isso que queremos, não eu, não eu e minha colcha cor-de-rosa.

Alguns dias se passaram, fui até o ateliê de uma amiga acompanhada de minha colcha cor-de-rosa. Tomamos um bom café, fumamos um cigarro. Abri a sacola e tirei a colcha. relatei para minha amiga como encontrei a colcha, e porque a trouxe. Tivemos uma longa conversa sobre uma colcha, que cada vez era menos colcha.

Estendi a colcha no chão. Manchas, rasgos, dobras, bordados, costuras, cor, histórias. Corpo? Ela era corpo, “o corpo que se forma, transforma, cria forma na representação. Há (algum tipo de) figuração representativa que nos permite reconhecer a existência de corpos” (1995, p.162). Peguei uma cadeira qualquer e coloquei a colcha sobre. Mais dobras iam se criando conforme eu moldava ela sobre a cadeira, mais corpo ela se tornava. A posição na qual permanecia na cadeira me intrigava. Também se tornara um corpo, depois de tantos corpos que já receberá. Nessa “posição de corpo”, de representar um corpo, se tornava corpo

também, mas no fim, ela era mais pele do que corpo, desossada como *Molloy*, “a textura, o aveludado da pele ”(1995, p.180) que cobre enquanto colcha, que se faz pele enquanto representação. “A pele não é só superfície, a pele se elabora de dentro, do fundo”(1995, p.180), do interior para o exterior. A intimidade do objeto (e minha) exteriorizada pela transformação disso em arte.

Peguei a máquina fotográfica. Achei melhor eternizar aquele corpo. Quando ele voltaria? Quem sabe nunca mais... Depois de inúmeras fotos tiradas tinha a sensação que agora o tinha, havia se tornado meu, não sabia quando conseguiria fazer aquele maleável tecido ter aquelas mesmas formas. Agora se tornou meu. O tenho para sempre.

Depois de uma longa tarde de trabalho no ateliê de minha amiga, fui revendo calmamente as imagens. Deixei a minha colcha cor-de-rosa sentada na cadeira e fui embora. Estava confusa. Tinha um trabalho que era eu, que era meu, que era um pedaço do meu passado, um pedaço de mim. As minhas coisas, a minha vida, projetadas do meu interior para meu exterior, para os meus objetos, para as imagens que crio. Para a arte.

Alguns dias se passaram, e eu revia diariamente as fotos da minha colcha, que não era mais colcha. Esse corpo cada vez era mais forte para mim. Cada vez mais eu via esse outro alguém que esta entranhado em mim, cada vez mais eu me sentia próxima com a minha arte, cada vez mais eu queria falar disso: de mim, do outro, dos objetos, do afeto. Cada vez mais as palavras borbulhavam na minha cabeça, e cada vez mais a dúvida de como externar isso. Queria esclarecer para mim mesma o sentido dessas palavras, o eu, o outro, os objetos, o afeto, e assim refletir sobre a maneira que transformo isso em arte, que maneira isso faz parte do meu processo de criação. Como as coisas me afetam e afetam os trabalhos.

Fui até o ateliê de minha amiga novamente, a colcha permanecia da mesma forma que deixei. Sentei no chão, quase em seus pés. Olhei ela por incessantes minutos. Tirei-a da cadeira, dobrei, guardei e fui pra casa. Voltou ao armário, agora um novo armário.

Era isso. A imagem de um corpo, em uma colcha que recebe corpos, mas que não é corpo, é colcha que se torna corpo. Está e não está. Era a fotografia que mais me intrigava. Algo que está retratado ali, mas não está ali. É só imagem,

“a imagem fotográfica captou o tempo, para restituí-lo a mim” (AUMONT, 1995, p.167). Ausência e presença. Marcas de algo que já se foi e agora aqui posso ver, e daqui há muito tempo poderei rever. Passado e presente se mesclam novamente. Sinto a ausência da tua presença. Ou sinto a presença da tua ausência, que sempre foi maior? O título do trabalho seria esse, *Sobre a presença da tua ausência*.

É o que sinto, apenas sinto essa presença aqui, mas é apenas ausência de alguém, não de algo, pois os afetos me acompanham sempre.

Tudo se esgota, menos a falta...

*Volto ao dia de hoje...*

Sentado na frente dos trabalhos. Minha xícara de café havia acabado depois dessa longa conversa. Peguei mais café, voltei ao meu lugar. Olho para o próximo trabalho, *Percorro-te*(Fig.5,6).



Figura 5. Jéssica Batista. *Percorro-te*, 2014.



Figura 6. Detalhe *Percorro-te*

Uma saboneteira verde de acrílico, posto nela, um sabonete de glicerina amarelo, bordado com linha verde a palavra que o intitula. O cheiro a glicerina se misturava com o do café. E com meus pensamentos.

A partir do trabalho anterior, que surgiu quando encontrei no fundo do armário minha colcha de infância, comecei a perceber os objetos simples do cotidiano de forma diferente, e mais especificamente ainda os objetos que eu considero íntimos, ligados aos espaços de intimidade da casa. Se no primeiro momento o quarto foi quem me despertou para ver de outra forma os objetos que habitam minha intimidade, depois disso o meu andar pela casa e o conviver com todas essas coisas começaram a ter um outro olhar. Cada ação com os objetos, cada simples atos cotidianos me é visto de forma poética, sempre tentando entender o que mais aquilo me diz, e por vez, me faz lembrar a presença desse alguém que por toda parte me cerca e também me faz reviver as coisas, rever os objetos de outra maneira, mais afetuosamente. Vale lembrar as palavras de Jean Baudrillard no livro *O Sistema dos Objetos*: “pois os móveis e os objetos existem primeiro para personificar as relações humanas, povoar o espaço que dividem entre si e possuir um alma”(1968, p.22), eles habitam junto de mim esses espaços e se fazem produtores de outros sentidos além do funcional.

Nesse trabalho, o índice do corpo se dá tanto pelo próprio sabonete que é um objeto ligado diretamente ao corpo junto da palavra presente no sabonete e também no título que indica a ação do corpo no sabonete e do sabonete no corpo. O sabonete serve para nos lavarmos, e nesse ato é como se ele percorresse o nosso corpo, e nós o corpo “dele”. Essa ideia de percorrer me faz lembrar quase que instintivamente certo alguém. Ao criar o trabalho era como se as lembranças do percorrer do meu corpo com o de alguém se fizessem vivas.

A saboneteira indica um lugar de aconchego, recebe e acolhe o corpo do sabonete. O sabonete em seu lugar de aconchego, o corpo em seu lugar de aconchego. Seria como se as lembranças do corpo de alguém que se fazia aconchegar em meus braços se fizesse presente, mais uma vez. E assim, mais muitas outras vezes.

*Voltemos no tempo...*

Era uma manhã comum, perto do meio-dia. Havia muitas horas que estava dentro do quarto e a manhã passou rápido. O vento na rua acompanhava o tic-tac do relógio. Meus pensamentos borbulhavam desde a noite que havia passado. Era como se não conseguisse pará-los, estavam fora do meu controle. Tudo ao meu redor lembrava alguém, todos os lugares e objetos me faziam reviver lembranças, afetos, desejos. Respirei fundo, abri lentamente a porta do quarto e caminhei até o banheiro.

Nesse pequeno percurso aparentemente insignificante entre o quarto e o banheiro, que eu fazia todos os dias, naquele dia me foi visto de forma diferente, como muitas coisas ultimamente. Ando descobrindo insignificâncias, como diria Manoel de Barros, “(...)Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas)”(2010, p.403). Sentia-me poderosa de perceber tanta importância nas pequenas coisas ao meu redor e dentro de mim.

Os dois espaços de mais intimidade da casa, ligados por um pequeno corredor de poucos passos, ligados pelo um universo íntimo de relações, ligados pelo corpo. De um lado, o quarto, os corpos que se entrelaçam, o afeto, o desejo, o amor, o outro. Do outro lado, o banheiro, eu e meu corpo, descobertas, a intimidade só. No corredor se mesclavam, comigo e com todas as coisas que ando me interessando pesquisar, falar, fazer, sentir.

Entrei no banheiro, tranquei a porta, sentei ao chão. Fiquei a observar cada detalhe daquele lugar, como cada coisa habitava aquele lugar. Os objetos e suas ações... tudo era corpo, tudo era para o corpo. Tudo era uma extensão do meu corpo, o sabonete, a toalha, o chuveiro, o vaso, a torneira, o espelho, a escova... eu e eu, eu e meu corpo, eu e lembranças. No fim, era eu e aqueles objetos, habitados por lembrança de um outro alguém, um outro corpo. Sempre esse alguém... que habita as minhas coisas, que habita meus pensamentos, que habita minha arte, que me habita. O tempo começou a passar mais lentamente. Tudo tinha se tornado calma. As coisas me observavam, eu me sentia parte daquele lugar, e aquele lugar parte de mim. Levantei e fui tomar um banho.

Ao entrar em baixo do chuveiro sentia a água escorrer pelo meu corpo, e logo veio a lembrança de alguém. O corpo sentia cada gota de água que se

esvaía dos ombros aos pés. Por um momento parecia que não sabia onde estava em uma mistura de dor, êxtase, prazer e lágrimas. Sempre as lágrimas. Peguei o sabonete. Quando comecei a me lavar comecei também a perceber esse ato de forma que, ao percorrer meu corpo, era como se o sabonete criasse caminhos invisíveis em mim, criando um diálogo com meu corpo em uma conversa íntima através do toque. Eu guiava os percursos instintivamente, e em cada lugar, me revivia uma lembrança. Em cada parte do meu corpo um pouco desse alguém. Eu mesmo percorria-me. Mas era alguém que percorria meus pensamentos.

Depois do banho, me sequei e fui até o meu quarto. O ato de tomar banho não saiu da minha cabeça, mais ainda a ideia de percorrer que o sabonete criava.

Essa situação vivida, me fez ver o ato de tomar banho e o sabonete de uma outra maneira, de forma poética. A partir dessa situação me veio a ideia de fazer um trabalho com o sabonete, um objeto comum do cotidiano, e que ao se tornar arte, adquirisse novos sentidos, novos olhares. O ato de tomar banho deixou de ser uma simples ação cotidiana e se tornou parte do meu processo de criação.

Precisei reviver minhas próprias vivências e objetos para entendê-los. Foi preciso tomar muitas vezes um banho, com um olhar mais atento (mais artístico) para entender o que era esse percorrer e porque ele me tocava tão afetuosamente.

Fui até uma farmácia próxima e comprei alguns sabonetes de glicerina. Me interessava a glicerina porque de certa maneira era mais maleável que um sabonete comum, também era translúcidos, era possível ver o seu interior. Abri um dos pacotes e fiquei a observar o sabonete. Cheiro forte, cor amarelada, translúcido. Meus olhos é que percorreram o sabonete naquele momento. Como dar sentido, como transparecer as coisas que estou sentindo, pesquisando, vivendo? Como e com o que dar potência artística para aquele sabonete...

Procurei em meio aos meus materiais de trabalho algo que pudesse ajudar a dar sentido a tudo. Olhei por entre alguns tecidos jogados na escrivaninha e vi minha caixinha de costura. Fui até ela, ao abrir, uma linha de costura que chamei de *cor-de-verde-esperança*. A esperança de algo, a esperança do alguém que voltasse a me percorrer, o meu percorrer por pensamento em alguém, o percorrer da vida.

Anteriormente já havia trabalhado com o universo da costura e do bordado e a ideia foi de unir isso com os objetos que assim como a linha e a agulha, fazem parte do meu universo íntimo. Me desafiaria a bordar um sabonete... a palavra seria *Percorro-te*, assim como o título do trabalho. A palavra se tornou algo importante para mim quando penso um trabalho, geralmente nos títulos, naquele momento, além disso, estaria no próprio trabalho, inserida, bordada, entranhada.

Para construir o objeto (Fig.7), peguei a linha e uma agulha. Perfurei com a mão trêmula o sabonete. O movimento de ir e vir criava caminhos por dentro do sabonete. Assim como alguém criou em mim. O caminho percorrido da agulha ficava marcado por dentro pela linha. Ir e vir. Ir e vir. O controle do caminho a ser seguido pela linha e pela agulha era difícil pela maleabilidade da glicerina. O percorrer era dificultoso. O da agulha e assim dos meus pensamentos até alguém.



Figura 7. Processo de construção do bordado.

O cheiro da glicerina se espalhou e se tornava cada vez mais forte durante o processo. Cada vez que perfurado, o sabonete exalava mais o seu cheiro. Como se ao percorrer, feridas fossem abertas e o íntimo, o dentro fosse exteriorizado. Pelo cheiro, pela fenda.

Trago um belo trecho de Bachelard sobre o ver a intimidade, o dentro,

Hans Carossa escreve (...) “O homem é a única criatura da terra que tem vontade de olhar para o interior de outra.” A vontade de olhar para o



interior das coisas torna a visão *aguçada*, a visão *penetrante*. Transforma a visão numa violência. Ela detecta a falha, a fenda, a fissura pela qual se pode *violar o segredo* das coisas ocultas. A partir dessa vontade de olhar para o interior das coisas, de olhar o que não se vê, o que não se *deve* ver, formam-se um vinco entre as sobrancelhas. (1990, p.7)

O caminho percorrido pela linha e agulha, perfurou e criou marcas, pelo translúcido da glicerina era possível ver o percurso por dentro, era possível ver o seu interior, pelas fendas, pelas feridas abertas.

Algumas tentativas e em poucas horas finalizei o bordado. Observei o sabonete bordado. Era isso. Fui até uma ferragem próxima a procura de uma saboneteira. Depois de percorrer (ironicamente) muitos corredores, encontrei um kit com vários apetrechos para o banheiro. Tinha uma saboneteira de acrílico, que por coincidência, destino ou acaso, era *cor-de-verde-esperança*.

O trabalho seria apresentado assim, sabonete e saboneteira, o corpo no seu lugar de aconchego, protegido, acolhido.

Era incrível como a palavra Percorro-te se tornou parte do objeto. O caminho que a linha percorreu era visível, assim como o caminho que alguém percorreu na minha vida era evidente nos meus trabalhos, nas minhas palavras, no um dia-a-dia. O percorrer do tempo no meu corpo e da espera por alguém, o percorrer do tempo no meu desejo, o tempo que parece que se iria se esgotar com a glicerina que com o passar se evapora...

*Volto ao dia de hoje...*

A noite começa a chegar. As horas se passaram rapidamente. Nessas idas e vindas do tempo que me narra histórias, me ajudando a compreender os trabalhos que aqui apresento, percebo que aos poucos algumas coisas começavam a fazer sentido, na vida, na arte, na escrita...aos poucos eu começo a perceber que a minha busca de compreender a presença desse alguém nos

objetos, nos trabalhos, nas imagens, na escrita, nos pensamentos, nos sentimentos não se esgotava, o que havia se esgotado eram as possibilidades de reviver realmente, carnalmente esses momentos, eles estavam apenas aqui, mentalmente, e eu por não saber mais o que fazer por esse turbilhão de afetos que me atormenta, debruçava sobre as minhas coisas o peso, para de certa maneira, livrar-me do fardo das lembranças... mas cada vez mais elas estão presentes. A vida a de seguir normalmente.

Fui até a cozinha e comi algumas bolachas, ascendi um cigarro. Conforme a fumaça se espalhava diante dos meus olhos e formava um grande corpo disforme e translúcido, comecei a perceber como o corpo me instiga, como é o corpo desse alguém que eu busco nas coisas, é o corpo dos objetos que eu percebo, é um próprio corpo na escrita que vai se constituindo, o corpo-palavra, esse corpo presente em tudo que me cerca, um corpo que está sempre em relação ao meu corpo e as coisas e a alguém; uma palavra que se torna corpo quando aqui escrevo e transcrevo e reinvento o meu corpo, o corpo das coisas, o corpo de alguém... a palavra como forma, como ativadora de imagens, lembranças, cheiros, toques; a palavra é o corpo do alguém que não está mais presente (fisicamente), mas que habita em mim, que habita todas as minhas coisas, que habita a minha pesquisa, que habita o meu pensamento em arte, que habita a minha vida, que é a minha vida.

Trago um trabalho de Louise Bourgeois, *Femme Maison* (Fig.8), onde é misturado o corpo-humano e a arquitetura. Essa Mulher Casa, retrata

as responsabilidades e construções da esfera doméstica como dolorosamente indissociável da identidade feminina. Tanto guardião como prisioneira de sua casa, a *Femme Maison* cria e sustenta o próprio objeto que a engloba e, talvez, a devora<sup>3</sup>

Esse corpo híbrido que traz Bourgeois, onde a casa a devora pelas responsabilidades femininas atribuídas, que aqui trago como maneira de pensar as lembranças da minha casa e desse alguém que tomam conta de mim, que se misturam com o meu corpo, onde a casa e os objetos me habitam, onde eu habito na casa e nos objetos.

---

<sup>3</sup> <https://ojovemarquiteto.wordpress.com/2010/06/01/Louise-bourgeois/>

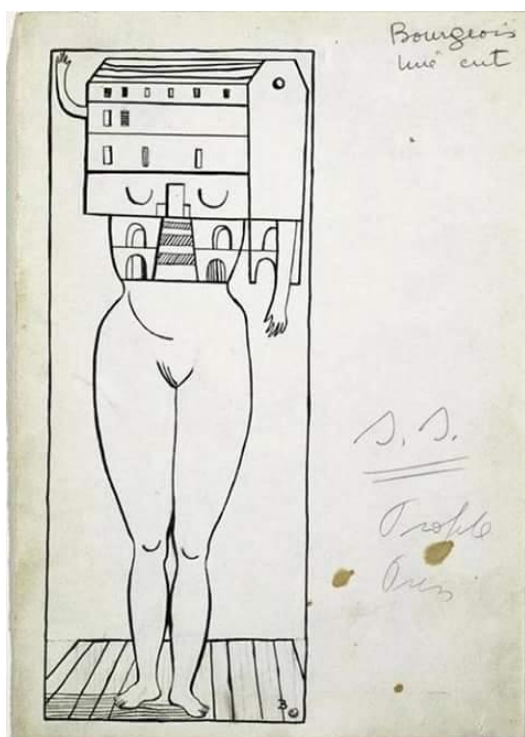


Figura 8. Louise Bourgeois. *Femme Maison*, 1947.

Essa confusão constante em que me encontro entre habitar e ser habitada, entre ser corpo e ser objeto. Esse corpo construído cotidianamente pelas coisas, esse corpo-palavra criado aqui, criado em cada trabalho. Esse corpo-casa que habita e se deixa habitar, por afetos.

Vamos ao próximo trabalho... Me aproprio de um porta-toalhas, redondo de acrílico, nele, um tecido de voile branco pendurado que escorre até o chão e cria um amontoado. O título, *Seque suas lágrimas em meu corpo* (Fig.9).



Figura 9. Jéssica Batista.  
*Seque suas lágrimas em meu corpo*, 2014.

A partir do trabalho do sabonete começo a desenvolver os trabalhos relacionados com o banheiro. Para mim esse espaço desenvolve a intimidade da maneira mais pura possível, sem amarras, restrições, pudores. Ludmila Brandão, no livro *A casa subjetiva*, ao falar com afeto da casa, resume o espaço do banheiro como sendo “a solidão do homem” (2002, p.87). Concordo com ela. O espaço íntimo do banheiro é o lugar da casa onde temos a liberdade de estar só. O corpo que habita esse espaço é livre e se coloca em situações de total desprendimento com o resto. As ações com os objetos que ali estão sempre conectam com necessidades do corpo: usar a privada, tomar banho, escovar os dentes, lavar as mãos. Conectam também com as necessidades da alma: chorar, pensar, refugiar-nos, descobrir o corpo, ver o nosso corpo.

Trago o tecido de voile no lugar de uma toalha, é um tecido que não serve para secar pela sua materialidade, mas o título nos indica essa ação. A toalha que serve para secar o rosto, o corpo, muitas vezes já secou lágrimas de quem em um banheiro se trancou para colocar para fora sentimentos. Agora se coloca com um corpo pronto para abrigar as lágrimas do outro.

Em um livro intitulado *História das Lágrimas*, a autora Anne Vincent-Buffault traz uma série de questões referentes a literatura entre os séculos XVIII e XIX, a partir das lágrimas, no âmbito privado, público, feminino, masculino, no teatro, nos romances, etc. Mesmo sendo um estudo dos textos referentes aos modos de derramar lágrimas, de maneira geral, eles apresentam um comportamento da sociedade daquela época, mas que certos pontos se relacionam também nos dias de hoje do ato de chorar.

Em uma passagem a autora fala das lágrimas derramadas pela dor causada de não se poder estar junto de alguém, onde trago essas questões no meu trabalho, onde o tecido oferece seu corpo para secar as lágrimas que se derrama por esse alguém que não está mais aqui.

Pois a emoção solitária é por vezes um paliativo para a impossibilidade de encontrar-se uma alma com quem compartilhá-la. (...) “a necessidade de ligar-se emocionalmente torna dolorosa aos corações sensíveis a impossibilidade de fazê-lo”(...)”ela faz derramar torrentes de lágrimas, proporcionando uma melancolia que nos torna testemunhos de nós mesmos”. Este doce sentimento de ser uma testemunha de si mesmo só

é possível pelo extravasamento através das lágrimas, fato que, pela sensação que suscita, fornece uma prova da existência. (1988, p.62)

Essa impossibilidade do contato com alguém é que trago em toda minha poética, e que busco mais com minha escrita. Essa impossibilidade que gera o esgotamento e que gera os trabalhos. Nesse caso, o esgotamento se dá tanto por essa impossibilidade de contato, quanto pela figura do esgotamento desse tecido pendurado, que escorre até o chão, como um corpo dos personagens de Beckett, que se é esgotado no interior e no exterior.

Sim, em minha vida, pois é necessário chamar assim, houve três coisas, a impossibilidade de falar, a impossibilidade de calar-me e a solidão, física certamente, com isso me arranjei. Sim, posso falar de minha vida agora, estou cansado demais para ser delicado, mas não sei se estive em vida, não tenho realmente opinião sobre isso. (BECKETT, 1989, p.118)

### *Volto ao dia de hoje...*

Tinha guardado alguns objetos que comprei em um Kit de banheiro quando usei para fazer o trabalho do sabonete. Veio junto um lindo porta-toalhas (Fig.10), redondo de cor metálica. Achava a sua forma interessante, e mais ainda a maneira de como a toalha nele se debruçava. O *corpo-toalha* quase desmoronava, mas o porta-toalhas não deixava por inteiro. O *corpo-toalha* ali ficava pendurado, esperando que alguém o tocasse.



Figura 10. Detalhe porta-toalhas

Fiquei por alguns instantes observando o objeto e a toalha. Algumas cenas me passaram na cabeça, de quantas vezes ao deixar escorrer lágrimas elas foram secadas em um pano qualquer, na roupa, na toalha. Essas lágrimas que muitas vezes derramei por esse alguém. Algumas de felicidades, mas a maioria de tristeza.

Acaba de cair uma do meu rosto, ao contrário de todo o resto, elas e os pensamentos constantes nesse alguém não se esgotam. Até o choro me foi visto de forma diferente nesse dia. Nos trabalhos sempre uso a ausência e a impossibilidade de contato com esse alguém, e porque nunca havia pensado nas lágrimas que por todos esses motivos já tanto derramei? “a emoção solitária é por vezes um paliativo para a impossibilidade e encontrar-se uma alma com que compartilhá-la”. (VICENT-BUFFAULT, 1988, p.62). Usaria isso para criar um trabalho, para exteriorizá-las de forma sólida.

Fiquei pensando de que maneira usar a ideia das lágrimas para compor um trabalho. O ponto de partida físico era o porta-toalhas e a esse *corpo-toalha* que se pendura, que se desmorona. Logo veio uma frase que muitas vezes já ouvi e muitas vezes já disse: Seque suas lágrimas em meu corpo. Olhei ao redor e fui até o banheiro, ao pegar a toalha parecia que ela acabava de me dizer essas palavras, e me acolhia com seu aconchego, suas curvas, seu corpo.

Fui até o quarto e comecei a mexer em meus materiais, na expectativa que achasse algo que pudesse usar para fazer o trabalho. Achei um pedaço de tecido de voile. Peguei e pendurei no lugar da toalha, era interessante o tecido translúcido branco junto da cor prata do metal. Um refletia a minha imagem, o outro me deixava ver meio embaçado o que tinha por trás.

Fui até uma loja de tecidos e comprei maior quantidade de voile. A escolha de usar tecidos sempre teve presente na minha vida e na minha produção. Cresci entre os amontoados de tecidos, retalhos, linhas, agulhas em minha casa, minha mãe é costureira, e desde pequena todo esse universo que parecia me engolir, também me fascinava...todos aqueles corpos moles distribuídos pela sala, empilhados, desfragmentados. A máquina, grande robô que fazia corpos, nascíamos assim então? Pensamentos de crianças, mas que hoje ajudam a construir o que sou como artista. Ao fazer escolhas de materiais e técnicas os resquícios da infância sempre apareceram, sempre faz parte um tecido, uma agulha, um bordado, uma costura. Nada mudou.

Ao pendurar o voile no porta-toalhas, era como ele se derramasse até o chão, e lá virasse uma poça. Ele substituiria a toalha. Ele seria minhas lágrimas, meus afetos, materializados e pendurados ali. O porta-toalhas era porta-sentimentos.

Em uma pilha de livros no canto da sala, estava o livro de Clarice Lispector, *Água Viva*, não teria momento mais oportuno para folhá-lo. Destino? Acaso? Escolhas...Folhei lentamente, algumas palavras me ajudavam a compreender tal situação,

Deixo-me ficar jogada no chão agreste, exausta, o coração ainda pula doido, respiro às golfadas. Estou à salvo? Enxugo a testa molhada. Ergo-me devagar, tento dar os primeiros passos de uma convalescença fraca. Estou conseguindo me equilibrar.

Não, isto tudo não acontece em fatos reais mas sim no domínio de – de uma arte? Sim, de um artifício por meio do qual surge uma realidade delicadíssima que passa a existir em mm: a transfiguração me aconteceu.

Mas o outro lado, do qual escapei mal e mal, tornou-se sagrado e a ninguém conto meu segredo. Parece-me que em sonho fiz no outro lado



um juramento, pacto de sangue. Ninguém saberá de nada: o que sei é tão volátil e quase inexistente que ficara entre mim e eu.

Sou um dos fracos? Fraca que foi tomada por ritmo incessante e doido?

Se eu fosse sólida e forte nem ao menos teria ouvido o ritmo? Não encontro respostas: sou. (1998, p.12,)

Clarice desaguava em mim naquele momento. Me confundia, mas me dava clareza em algumas coisas. Qual a existência de tudo isso que me rodeia? Qual a presença desse alguém que me perturba internamente? A intimidade e eu. Há ninguém mais é revelado algo, só a mim. Agora ao mundo pelos trabalhos, pelas palavras. Apenas sinto tudo o que escrevo aqui...

Esse processo de criação me motivava por uma necessidade de entender estes objetos por um lado, do outro, uma tentativa de esquecer, de colocar para fora do meu corpo essas lembranças de alguém que surge também pelos objetos que escolho, assim, expressar, externar, aquilo que está dentro, em meus sentimentos e pensamentos.

Por um momento, trouxe em minha pesquisa uma breve indicação sobre o movimento Expressionista do século XX, onde as obras eram uma “manifestação exterior de uma necessidade interna”<sup>4</sup>. Os artistas não mais representavam aquilo que viam do mundo lá fora, mas a partir de suas emoções, angustias, paixões, utilizavam dos meios artísticos para expressar e externar seus sentimentos.

Via naquele instante, aos observar as minhas coisas e meus trabalhos, pontos que indicavam alguma aproximação ao movimento em meu trabalho, como quando utilizo meus afetos interiores, para expressar minha arte, quando utilizo a arte para expressar meu interior.

*Volto ao dia de hoje...*

---

<sup>4</sup><http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculloxx/modulo1/expressionismo/index.html>

Já é noite. Acendo a luz da sala, ao olhar pela janela, percebo que chove levemente lá fora. Mas ainda há trabalho á se fazer. Faço um sanduíche na cozinha, como rapidamente escorada na pia, mais um xícara de café e um cigarro. Voltemos aos trabalhos.

A fumaça do cigarro tomava conta da sala, sentei-me na frente do computador para assistir um trabalho em vídeo, *A escrita das lágrimas* (Fig.11).

O vídeo inicia com o meu caminhar sobre fibras de silicone, ao som do chuveiro ligado, o meu corpo nu para em frente ao espelho que está embaçado pelo vapor que o chuveiro, em temperatura quente, causou. Estou com um tecido de voile enrolado na cabeça. Escrevo no espelho a frase “Seque suas lágrimas em meu corpo” (título do trabalho que falei anteriormente). O caminhar entre as “nuvens” volta e acaba.



Figura 11. Jéssica Batista.  
*Escrita das Lágrimas*, 2015.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Vídeo completo em CD no final deste volume.

O silêncio toma conta de mim. Era o universo íntimo do banheiro que me instigava mais do que nunca. Ele me consumia, eu era parte dele, ele de mim. Alguém de mim.

Agora o meu corpo estava presente, literalmente. O diálogo com os objetos e com espaço se mostrava e não apenas era insinuado como nos outros trabalhos. Indicava ações, se colocava em posição de objeto também. Se oferecia para secar as lágrimas do outro, do alguém. O corpo aqui, que tenta diálogo com o outro corpo, mas não tem retorno. Projeta o outro nos objetos, no espelho, que se mistura com minha própria imagem.

As palavras de Clarice tomam conta de mim mais uma vez quando revejo essas imagens, quando vejo o meu corpo buscar um novo significado, se colocando em uma situação de objeto que oferece há alguém uma serventia. O que é o meu corpo nesse momento?

O que sou neste instante? sou uma máquina de escrever fazendo ecoar as teclas secas na úmida e escura madrugada. Há muito já não sou gente. Quiseram que eu fosse um objeto. Sou um objeto. Que cria outros objetos e a máquina cria a nós todos. Ela exige. O mecanismo exige e exige a minha vida. Mas eu não obedeco totalmente: se tenho que ser um objeto, que seja um objeto que grita. Há uma coisa dentro de mim que dói. Ah como dói e como grita pedindo socorro.(...) Sou um objeto sem destino. sou um objeto nas mãos de quem? tal é o meu destino humano. O que me salva é grito. Eu protesto em nome do que está dentro do objeto atrás do atrás do pensamento-sentimento. (1998, p.61)

Meu corpo é um amontoado de sentimentos e confusões. Tira do mais profundo de si matéria –prima para se tornar objeto, para se tornar arte que quer colocar para fora todos os afetos que sente pelo mundo e por alguém. Quer se libertar. Em seu lugar de intimidade se coloca em frente ao espelho e se vê, de outra forma, como objeto. E imprime o que sente nas palavras escritas no espelho, seque suas lágrimas em meu corpo. E agora se vê entre o espelho embaçado, entre as fendas que as palavras fizeram no espelho.

Se antes a impossibilidade se fazia através dos objetos, do corpo nada mais conseguir realizar, os pensamentos esgotados de nada mais conseguir

pensar, a não ser nesse alguém, e tentando se libertar pela arte, aqui, o meu corpo assume esse papel e se faz presente, e se faz impossibilitado, não de nada mais realizar, mas de nada além disso conseguir realizar. Tudo se esgotou. Menos o pensamento em alguém. Menos a vontade de se libertar disso tudo.

A chuva aumenta lá fora, constante e forte. Acompanha agora o barulho do chuveiro do vídeo, e as cenas se misturam, o que passou e o que está acontecendo, aqui e agora. O que sou.

### *Voltemos no tempo...*

Ao acordar em uma manhã qualquer, o frio entrava pelas frestas da janela e tomava conta do quarto. Levantei e fui até cozinha preparar um café. Acendi um incenso e me sentei na cozinha. O frio tomava conta de toda a casa.

Acabei meu café e fui até o banheiro. Ah, o banheiro! Que muito andava me inspirando nos últimos meses. Me parei em frente ao espelho a escovar os dentes. Liguei o chuveiro e enquanto a água corria e aquecia o banheiro ia me preparando para tomar um banho naquela manhã gelada.

Entreí no *box* em passos lentos e ordenados. O ruído da água que caía acompanhava os meus pensamentos, constantes e confusos. Acompanhava também as batidas do meu coração, como um vasto infinito de pingar-se, e desfazer-se, e escorrer-se.

Via a água escorrer pelo ralo...

Após o banho, enrolei uma toalha nos cabelos, e enquanto me secava percebi o espelho completamente embaçado. Em um gesto automático passei a mão para limpar. Naquela faixa de espelho que meus dedos percorreram pude perceber que enxergava nitidamente um pedaço de mim. O resto do espelho velava partes do meu corpo nu.

Naquele pequeno momento, de vida, de consciência, pude perceber que aquela imagem que se refletia no espelho, transformava não apenas o meu olhar, e aquele instante, mas transformava a minha própria percepção sobre o meu corpo, e sobre esse alguém. Eu percebia que o meu corpo ativava ainda mais aquele espaço de intimidade, e a minha própria intimidade.

Após essas reflexões diante do espelho, saí do banheiro com a ideia que meu corpo reinventado pela imagem que refletia no espelho, precisava ser reinventado no meu trabalho em arte. Se antes eu usava índices do corpo para indicar a sua presença, agora usaria meu próprio corpo para indicar as minhas questões, para trazer de forma literal o contato com os objetos, a tentativa de dialogo com esse alguém. A impossibilidade de afeto, agora é vista pelo próprio corpo presente e em movimento. A ideia é criar um trabalho em vídeo, onde essa busca por uma narrativa também fosse encontrado numa seqüência de imagens.

Com essas ideias borbulhantes em minha cabeça, fui até o ateliê de minha amiga onde teria a ajuda dela para fazer o trabalho. Conversamos e estudamos por dias aquele espaço do banheiro no ateliê dela onde seria gravado o vídeo. A ideia seria trazer para aquele espaço alguns elementos que eu já trabalhava anteriormente como o tecido e a fibra.

Alguns dias se passaram e fui até o ateliê para começar o trabalho. Espalhei pelo chão do banheiro pedaços de fibra de silicone, um material leve, macio, de cor branca. Comecei a caminhar descalça sobre as fibras, indo e vindo, em uma pequena distancia entre a porta e a pia do banheiro, enquanto minha amiga fazia a filmagem. Cada passo desse caminhar era como se o chão acolhesse o meu corpo de tal maneira que parecia que andava sobre as nuvens. O espaço do banheiro se tornou tão misterioso como todos os pensamentos e coisas que me cercam, como a presença da ausência tão forte desse alguém em minha vida.

A próxima ação seria escrever a frase “seque suas lágrimas em meu corpo” no espelho embaçado, para isso foi necessário ligar o chuveiro em temperatura quente e deixá-lo fechado para que o vapor quente embaçasse o espelho. Fizemos isso e fomos até a cozinha fumar um cigarro enquanto esperávamos o tempo agir. Cerca de trinta minutos depois o banheiro era tomado por um vapor e o espelho tinha embaçado. Tinha pouco tempo para que o vapor

do banheiro saísse, e para fazer a filmagem antes que o espelho desembaçasse. No lugar de uma toalha enrolada na cabeça como se tivesse acabado de sair de um banho, enrolei um tecido de voile, leve, translúcido e afetuoso que tinha comprado para fazer outro trabalho. Parei em frente ao espelho e escrevi a frase “seque suas lágrimas em meu corpo”. Acabava e continuava por alguns segundo a me olhar no espelho que velava a minha imagem, mas que no passar dos dedos que formavam a frase eu me via mais nitidamente. Por um instante parece que pouco me reconhecia.

Desenrolei o tecido da cabeça, coloquei uma roupa e me sentei por entre as fibras satisfeita com as imagens captadas. A próxima etapa seria ver essas imagens, selecionar e montar o vídeo. Foi o que eu fiz pelos próximos dias.

Em minha casa, depois de dois dias fui até o computador e comecei a seleção das cenas. Depois de dias de trabalho o vídeo curto estava pronto. Iniciava com o meu caminhar sobre as fibras, uma ideia de leveza, quase que um caminhar sobre nuvens. Depois a cena continuava com o meu corpo parado em frente ao espelho com o tecido de voile enrolado na cabeça onde escrevo no espelho, me olho por mais alguns segundo e volta a cena do caminhar.

### *Volto ao dia de hoje...*

A madrugada corria. Levantei do computador onde acabava de ver o trabalho em vídeo repetidas vezes. Faltava um último trabalho para analisar, meu corpo estava quase esgotado. Lembrar de cada cena, de cada trabalho, adentrar no meu íntimo me consumiu internamente e fisicamente. Mas estava no fim.

Parei em frente á três fotografias, o título do tríptico é *Em minha subsistência meu corpo te encontra* (Fig.12).Essa série surge a partir do trabalho em vídeo onde pego fotografias tiradas durante a gravação das imagens do vídeo. Na primeira foto apareço de lado, em frente ao espelho, com o tecido de voile enrolado na cabeça, um pedaço do box do banheiro aparece com a imagem

embaçada. A segunda é a minha imagem refletida no espelho embaçado onde na altura dos olhos é possível ver mais nitidamente pois foi passado a mão e limpo o embaçado. A última imagem apareço novamente em frente ao espelho, agora um pedaço do corpo e do seio descoberto aparece no embaçado do espelho, não deixando totalmente visível. As imagens tem partes veladas, onde é mostrado e ao mesmo tempo ocultado a intimidade.



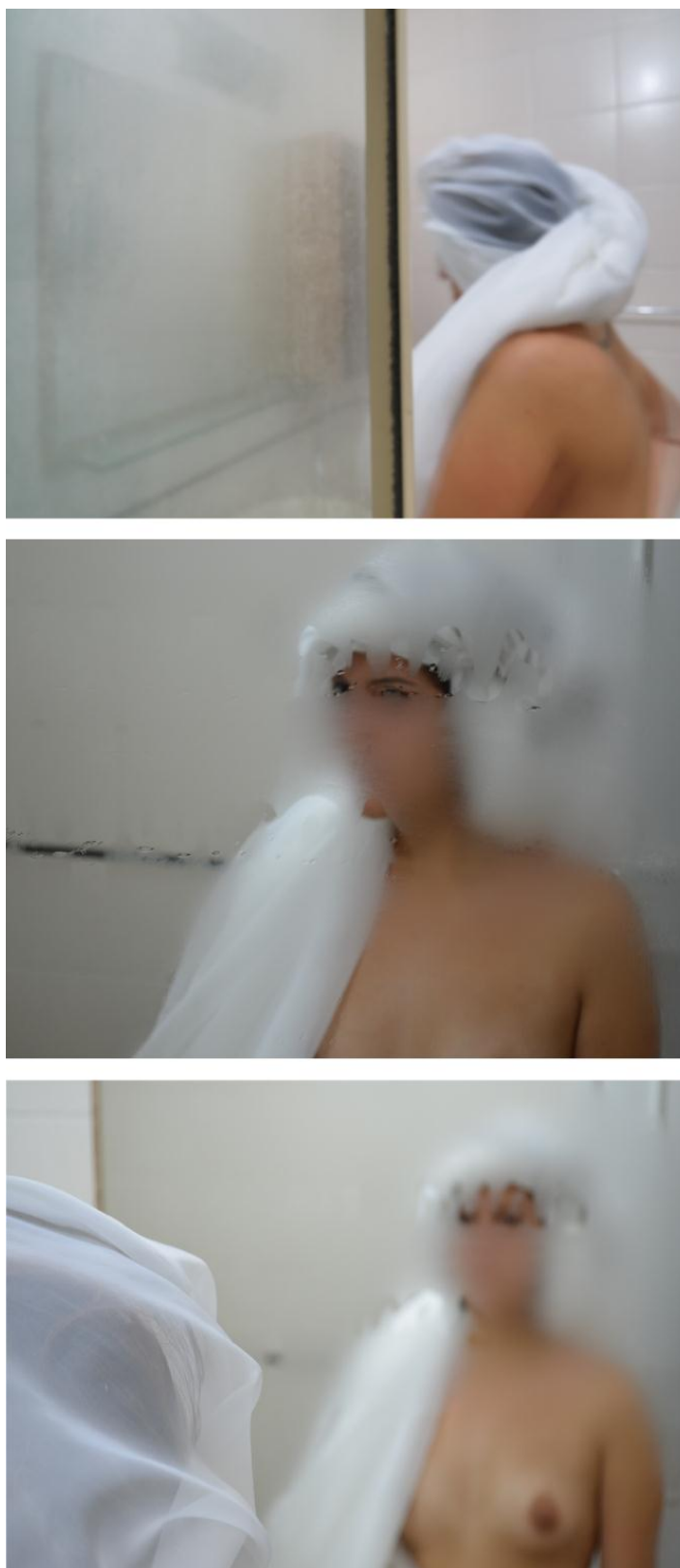


Figura 12. Jéssica Batista.  
Série: *Em minha subsistência, meu corpo te encontra*, 2014.

É como se meu próprio corpo começasse a existir apenas pela lembrança desse outro alguém, que a minha imagem se tornou confusa pois estou na impossibilidade afetiva de contato com o outro. A subsistência do corpo, o mínimo dele para existir, para sobreviver: o pensamento em alguém.

### *Voltemos no tempo...*

Alguns dias depois que havia finalizado meu primeiro trabalho em vídeo, voltei a rever as fotografias que haviam sido tiradas junto da gravação das imagens. Comecei a perceber o quanto era instigante aquela minha imagem na frente do espelho. Ao mesmo tempo que ela mostrava meu corpo nu, minha intimidade, não era totalmente explícito isso, pois o embaçado no espelho velava um pouco essa imagem, e de certa maneira, escondia um pouco as verdadeiras formas.

Passei alguns dias olhando aquelas fotografias, e sem pressa escolhi três imagens que melhor refletiam aquele momento. Deixei-as separadas, fui até a sala, acendi um cigarro. No reflexo da janela via a minha imagem e com a fumaça do cigarro, ela era velada, assim como nas imagens do espelho.

Acabei de fumar o cigarro olhando minha imagem que se fazia e se desfazia no reflexo do vidro quando a fumaça passava por entre o meu corpo e a janela. Fui até o banheiro, liguei o chuveiro em temperatura quente e deixei o espelho embaçar como fiz para realizar o trabalho anteriormente. Fechei a porta e esperei. Enquanto isso o que vinha na minha cabeça era a imagem desse alguém, era o corpo desse alguém, era o meu corpo diante desse alguém que se fazia e desfazia, que se tornava impossibilitado agora distante.

Entreí no banheiro que era tomado pela fumaça da água quente. Desliguei o chuveiro e fui até o espelho novamente. Me via embaçada, opaca, sem brilho. Eu era assim naquele momento, uma imagem confusa.

Sai do banheiro e fui até o computador rever minhas imagens. Ali estava eu, com um tecido enrolado na cabeça, o corpo nu, o coração vazio e os pensamentos cheios.

Alguns segundos a me observar e lembrei de alguém. Algumas lágrimas rolaram. E queria com o trabalho eternizar minha imagem embaçada no espelho. Ando gostando disso, eternizar momentos, sejam quais forem.

Mas precisava de alguém. A minha imagem não era nada. Nem a vida. Eu não mais vivia. Subsistia. *Em minha subsistência, meu corpo te encontra.* Precisava do corpo de alguém. Dos nossos corpos. No espelho. Nus.

### *Volto ao dia de hoje...*

Sentada no chão e exausta, conseguia acabar de analisar cada trabalho em algumas muitas horas, mas mesmo assim parecia que havia passados dias, meses, quem sabe anos. Recordar aqui todas esses acontecimentos me fez ficar esgotada. Mas algumas coisas começaram a fazer sentido.

Trago aqui uma última lembrança, de uma artista chamada Sophie Calle e que muito me pareço com ela. Sophie foi deixada só por entre os afetos, e a partir dos desmoronamento de seus dias, a partir de um rompimento por uma carta que seu namorado fez, Sophie cria e faz arte, e se recria e se liberta.

A carta dizia em frases frias que tudo havia acabado:

Como você pode ver, não tenho estado bem ultimamente. É como se não me reconhecesse na minha própria existência.(...)achei que amar você e o seu amor seriam suficientes para que a angustia que me faz sempre querer buscar novos horizontes e me impede de ser tranquilo e, sem duvida, de ser simplesmente feliz e generoso, se aquietasse com o seu contato e na certeza de que o amor que você tem por mim foi o mais benéfico para mim, o mais benéfico que jamais tive, você sabe disso. (...) Aconteça o que acontecer, saiba que nunca deixarei de amar você da maneira que sempre amei desde que nos conhecemos, e esse amor se estenderá em mim e, tenho certeza, jamais morrerá. Mas hoje, seria a pior das farsas manter uma situação que você sabe tão bem quanto eu ter se tornado irremediável, mesmo com todo o amor que sentimos um pelo outro. E é justamente esse amor que me obriga a ser honesto com você mais uma vez, como última prova do que houve entre nós e que permanecerá único.

Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente.  
 Cuide de você.  
 X.<sup>6</sup>

Sophie não se deixa esgotar por ela mesma, recebe a carta e não sabe o que responder, mas segue a última recomendação de seu ex-parceiro, Cuide de Você. Ela convida mais de 100 mulheres para interpretarem a carta do ponto de vista de suas profissões, para analisarem, comentarem, dançarem, esgotarem. Entenderem em seu lugar.

A partir disso ela cria um trabalho (Fig.13) composto por todas essas interpretações das mulheres contendo vídeos, fotos, performances, etc. Sophie Calle cuidou de si. Obrigada Sophie, também vou cuidar de mim.



Figura 13. Sophie Calle. *Cuide de Você*, 2009.

Levanto do chão e venho até o computador, preciso transformar em palavras todos esses pensamentos, preciso contar junto com os meus trabalhos como eles “nasceram”, como eles saíram de dentro de mim. Já percebo que ainda haverá muitas horas digitando aqui essas palavras para contar um pouco de mim, um pouco das coisas que me afetam, um pouco da minha poética, o que pretendo e o que penso a partir da arte. Vamos lá, eu tenho muito trabalho a fazer.

São duas da manhã novamente, me pego pensando o quão é difícil falar das coisas que me afetam...

<sup>6</sup> Trecho da carta de rompimento enviada para a artista Sophie Calle do seu parceiro.

## *O fim do começo:*

*“Alguns de nós somos tão obcecados pelo passado que morremos disso. É a atitude do poeta que nunca encontra o paraíso perdido e é de fato a situação dos artistas que trabalham por um motivo que ninguém consegue apreender. Talvez queiram reconstruir algo do passado para exorcizá-lo. É que, para certas pessoas, o passado tem tal atração e tal beleza...”*

*Louise Bourgeois*

Trago aqui, nas palavras que escrevi em minha dissertação, uma reflexão a partir de cinco trabalhos, onde em uma narrativa textual e visual, indico as questões que me interessam em arte: pensar o espaço de intimidade, a relação com os objetos, o diálogo com o outro, a ausência dos afetos e um modo de pensar a escrita unida com a prática.

Acredito na pesquisa também como criação e não apenas descrição do fazer. Quando trato de coisas tão próximas, é difícil certo distanciamento, mas uno prática e teoria para criar potência em minha poética, em minha produção em arte.

A linha que permeia o meu trabalho parte desse interesse pelos objetos e as relações que temos com eles, indo até uma relação com uma outra pessoa, onde a partir dos próprios objetos e espaços, são trazidas essas memórias. Esse diálogo incessante com as coisas, comigo mesma e com esse outro alguém, potencializa minha principal questão: a relação com o outro, e mais ainda a ausência desse outro lembradas a partir de objetos, ações e espaços de intimidade, e assim transformadas em arte, em pesquisa, em trabalho.

O fluxo da minha criação se dá por esse processo de andar dentro da minha casa e dentro da minha vida para observar as coisas que trazem lembranças desse alguém. O tempo passa dentro da casa, no quarto, no banheiro. Nestes deslocamentos dentro do espaço da casa, nos espaços que meu corpo habita, surgem os momentos de criação.

O processo de criação, o trabalho e minha pesquisa é como narrar pequenos acontecimentos banais, mas que eles levam a arte, a vontade de produzir e de pesquisar. A narrativa que escrevo aqui revela esses acontecimentos que acima de tudo são o meu processo de criação, que une a relação entre meu corpo, meus objetos, os espaços que habito e as lembranças de um corpo esgotado, que somente posso tornar presente através destas imagens de ausência, do meu próprio corpo e objetos. O tempo do corpo e das coisas que se esgota...

Daqui para frente, vou continuar buscando no meu interior e nas minhas coisas a matéria para fazer a minha arte, para expressar meus afetos, para exteriorizar e me libertar das coisas que me esgotam. Que continue a peregrinação, que continue a vontade de fazer arte, que continue o outro alguém que me inspira, quem sabe agora com sua presença.

## *Referências:*

### **Livros:**

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. São Paulo: Papyrus, 1995.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. Tradução: Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 1968.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

BECKETT, Samuel. **Molloy**. Tradução e prefácio: Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2007.

\_\_\_\_\_. **O inominável**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações Sobre A Obra de Nikolai Leskov. In **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURGEOIS, Louise/Marie-Laure Bernadec/ Hans-Ulrich Obrist. Louise Bourgeois, **Destrução do pai, Reconstrução do pai**. São Paulo: Cosac&Naify Edições, 2000.

BRYSON, Bill. **Em casa: Uma breve história da vida doméstica**. . Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Sobre teatro: Um manifesto de menos; O esgotado**. Tradução: Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LAGNADO, Lisette. **Leonilson: são tantas as verdades**. São Paulo: DBA Artes Gráficas: Companhia Melhoramento de São Paulo, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Editora: Rocco, 1998.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TESSLER, Elida. **Você está aqui: no meio.** In Meio, Org.Marcos Sari, Daniele Marx. Editora: Panorama Crítico, 2010.

VICENT-BUFFAULT, Anne. **História das lágrimas:** séculos XVIII-XIX. Tradução: Luiz Marques, Martha Gambini. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1988.

ZANELLA, Andreia Vieira. **Inquietações metodológicas:** Perguntar, registrar, escrever. Porto Alegre: Sulina, editora da UFRGS, 2013.

### **Sites:**

CALLE, Sophie. **Cuide de você.** São Paulo, 2009. In: <[http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/up/arquivos/200908/20090812\\_162153\\_Programa\\_CuidedeVoce\\_P.pdf](http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/up/arquivos/200908/20090812_162153_Programa_CuidedeVoce_P.pdf)>. Acessado em 10 de dezembro de 2015.

<<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoox/modulo1/expressionismo/index.html>>. Acessado em 10 de janeiro de 2016.

<<https://ojovemarquiteto.wordpress.com/2010/06/01/Louise-bourgeois/>> Acessado em 15 de janeiro de 2016.